

MINHA MÃE

um filme de Nanni Moretti

com Margherita Buy, John Turturro, Giulia Lazzarini, Nanni Moretti

Mia Madre | Itália | 2015 | 106' | M/12



- Festival de Cannes 2015 – Seleção Oficial Em Competição, Prêmio do Júri Ecuménico
- Prêmios David di Donatello 2015 – Melhor Atriz e Melhor Atriz Secundária
- Lisbon & Estoril Film Festival 2015 - Seleção Oficial

Sinopse

Margherita é uma realizadora em plena rodagem de um filme cujo protagonista é um famoso actor americano. Às questões artísticas que enfrenta, juntam-se angústias de ordem pessoal: a sua mãe encontra-se no hospital e a sua filha em plena crise adolescente. O seu irmão, por sua vez, mantém-se como uma constante na sua vida. Conseguirá Margherita estar à altura de todos os problemas familiares e artísticos que enfrenta?

Maturidade e Tolerância: entrevista a Nanni Moretti

Tornou-se conhecido e distintivo como um cineasta de uma fortíssima auto-representação, depois mesmo, em *Caro Diário* e *Abril*, de auto-apresentação – nesses dois filmes já não há o precedente Michele Apicella mas o próprio Nanni Moretti. Em *O Quarto do Filho* ainda era o protagonista mas o filme era já muito diferente. Nos filmes mais recentes parece distanciar-se: não aparece em *O Caimão* e se em *Habemus Papam* e *Minha Mãe* é intérprete mas já não o protagonista. Porquê este distanciamento?

Dantes pensava que os meus filmes tinham sentido apenas se eu tivesse esses três papéis, argumentista, protagonista e realizador. Considerava que isso era um mesmo trabalho, não três diferentes; quando escrevia já fazia escolhas de realização e de interpretação. Era assim: escrevia para mim como protagonista e para mim como realizador.

Agora tendo mais a distinguir as três coisas: penso que como actor posso mesmo – e já o fiz – trabalhar com outros realizadores, penso que os meus filmes podem perfeitamente ter outros protagonistas: se conto com Silvio Orlando em *O Caimão*, Michel Piccoli em *Habemus Papam* e Margherita Buy em *Minha Mãe*, fico contente em poder não ser o protagonista – os protagonistas são três actores extraordinários como eles. Mas mesmo se não sou o protagonista o investimento psicológico, o investimento emotivo que meto nos meus filmes é o mesmo.

São sempre filmes muito pessoais e mesmo se não nascem de uma experiência realmente autobiográfica, como *Habemus Papam*, ainda assim são fruto de um sentimento autobiográfico – o sentimento de inadequação do Papa era o meu sentimento de inadequação, a sua depressão era a minha depressão. Portanto se esses filmes não são autobiográficos são-no como sentimento, como ponto de vista. (...)

Em *Minha Mãe* há um realizador mas não só não é você próprio como fez uma opção muito importante: não é um realizador mas uma realizadora.

Sim, achei que esta história seria mais interessante contada no feminino. E não há só Margherita [a personagem de Margherita Buy] há também a sua mãe e a sua filha, três gerações de mulheres. Pareceu-me mais interessante se a situação fosse vista através do olhar de uma mulher, e penso também que deste modo tive uma maior distância e com isso mais lucidez.

Teria sido mais confuso se fosse eu a interpretar o protagonista, nunca pensei nisso. Desde o início, desde que o projecto me começou a ocorrer, achei que o protagonista seria uma mulher.

Creio contudo que em *Minha Mãe* há, como em todos os seus filmes, cinema e política, e também, como noutros, família. E política porque no filme que a realizadora está a rodar há um conflito social com uma ocupação por parte dos trabalhadores, portanto, como sempre, há a preocupação com questões sociais.

Não queria que Margherita estivesse a fazer um filme “à Nanni Moretti”, que houvesse nesse filme um reflexo da sua vida privada. Queria que, se Margherita é plena de incertezas, então o seu filme fosse pleno de certezas: há o preto e o branco, o patrão de um lado, os trabalhadores de outro. A vida dela é tão complicada que eu quis que o seu filme fosse antes sólido, bem estruturado.

Há uma cena de particular importância: Margherita quer muito fazer um filme sobre a realidade, quando vê um conjunto de figurantes exclama “mas não são reais”, o seu assistente retorque que “sim, são reais”, e isso fá-la exclamar uma coisa surpreendente e que parece contraditória, “quero lá saber se são a realidade, este é o meu filme!”. Dir-se-á que por vezes o real que os realizadores buscam apresentar afinal não é o real.

Margherita parece um pouco prisioneira de uma representação, digamos que passada, da classe operária. Mas nesse diálogo há também uma questão: o cinema não deve apenas respeitar a realidade, mas deve reinventar a realidade. Margherita diz “este é o meu filme”, portanto é ela que escolhe como representar a realidade, não a quer apenas copiar.

Sempre foi um cineasta cinéfilo. Neste filme há uma referência explícita a *As Asas do Desejo* de Wim Wenders: surge o cartaz do filme e até a história que a mãe conta de ter visto “um filme estranho, parte a preto e branco, parte a cores”, também pode ser entendido como referência.

Nisso nunca tinha pensado! De facto esse diálogo é algo que retirei da realidade, assisti em hospitais a diálogos assim. (...)

Falemos da espantosa parte final do filme. Faz sucessivamente duas elipses, quando Margherita e Giovanni sabem primeiro do agravamento do estado de saúde da mãe, e depois da morte dela. Isto sem nada ser dito, apenas apresentando os sentimentos deles os dois.

Agrada-me fazer “trabalhar” também o espectador, não gosto de o acompanhar, com a mão na mão, e explicar-lhe tudo, com diálogos preenchidos de notas. (...) Prefiro deixar espaço à sua fantasia. (...)

Para quem o conheceu com os filmes de Michele Apicella, parece incrível que com *O Quarto do Filho* e agora *Minha Mãe* haja um Moretti que é um mestre do melodrama.

Melodrama, mas contido. No melodrama não havia receio de exagerar, enquanto a mim me interessa contar estas histórias com muito mais discrição que no melodrama clássico.

Mas no final do filme o espectador fica comovidíssimo.

Sim, e se isso sucede dá-me prazer porque tentei ser muito delicado. Como é uma história dolorosa dá-me prazer que as pessoas o sintam, como me dá prazer que se riam nas partes cómicas. Mas este sempre foi um pouco o meu modo de fazer filmes, alternando situações e sentimentos.

A palavra, ou o conceito, de “maturidade” tem algum sentido para Nanni Moretti?

Sim, tem sentido se penso em mim, porque me acho mais tolerante que dantes. Mas não tem sentido se se refere a uma mudança: mudar-se a si mesmo é a coisa mais difícil que pode suceder numa vida. Desde os três anos até aos 90 somos sempre a mesma pessoa. “Maturidade” como mudança radical acho que não; “maturidade” como maior serenidade também não; “maturidade” como maior tolerância, acho que sim.

Público, 13 de Novembro de 2015

Excerto de entrevista a Nanni Moretti por Augusto M. Seabra



Minha Mãe, por Carlos Natálio

Numa recente entrevista que Augusto M. Seabra fez a Nanni Moretti a pergunta final era se a palavra “maturidade” lhe dizia alguma coisa. Este respondeu que a sua maturidade nunca envolveria uma mudança brusca, nem uma serenidade. Basta aliás pensar na convulsão da tristeza, da raiva, da dúvida, da protagonista-realizadora deste seu último filme para que tudo seja evidente. Maturidade, confessou, só mesmo no sentido de uma maior tolerância. Passados que estão os anos contestatórios, da luta de esquerda e das coisas que a

partir dela deviam ser ditas, Moretti ficou com o presente para filmar de forma mais compreensiva e distante as certezas do seu passado. (...)

Se esse nível de tolerância é claro no olhar para trás, no que se viveu, não o é menos no olhar para a frente, para o futuro. Não por acaso essa maturidade implicaria a aceitação derradeira: a da morte. Margherita (Margherita Buy), juntamente com o seu irmão Giovanni (Nanni Moretti, ele próprio) e a sua filha Livia, terá de lidar com a morte de sua mãe, Ada. Mas essa aceitação é o sinal derradeiro de um movimento mais vasto de aceitação do descontrolo motivado pela vida, tarefa árdua de engolir numa profissão de realizador, onde se dirigem pessoas e se constroem mundos. Por isso, a realizadora já não vê os extras contratados para uma cena do seu filme como espelho do mundo real e se agarra à ideia de que pelo menos ali, no confortável mundo da ficção, as coisas podem ser como ela quer que sejam, ignorando essa “ultrapassagem pela direita” do real. (...)

Falo agora de perdas. Em 2012, Nanni Moretti presidiu ao júri do Festival de Cannes e deu a palma de ouro a *Amour* (*Amor*, 2012) de Michael Haneke. Neste, o marido matava a esposa catatónica, no fundo, uma não aceitação da perda. Para Moretti, pelo contrário, há esse “pensar no amanhã” que faz reflectir a perda como algo doloroso mas que necessariamente se inscreve num processo mais vasto. Por isso *Mia madre* é um filme tão tocante. A perda de uma mãe inscreve-se necessariamente, quando falamos de uma aceitação da perda, num longo caminho do próprio tempo como perda, que as vai agenciando, ora maiores ora menores. A mãe morre, mas o latim perde-se pois ninguém sabe bem explicar para que serve. Mas é importante. Os livros da mãe, o que lhes acontecerá? Quem os vai ler, quem lhes vai tocar agora? É esse o dilema da perda da perspectiva de quem fica.

(...)

Em *Mia madre*, como de resto em todo o seu cinema, a alternância da comédia e do drama são os impulsos que baralham uma falsa superfície para uma verdadeira profundidade. Com uma escrita estilística aparentemente simples (as câmaras fixas, os diálogos mordazes, as sequências de montagem a deixar entrar o ar nos espaços familiares dos quartos, dos estúdios, dos carros) Moretti trabalha a profundidade de campo que é uma profundidade moral de habitação dos espaços de amizade familiar e profissional. E por isso, profundidade de quarto, de casa, de sala, etc. Aqui a profundidade de campo verte-se em profundidade de olhar, o semblante triste e desamparado da actriz Margherita Buy.

(...)

O que *Mia madre* nos dá, como todo o cinema de Moretti o vem fazendo de forma única desde o início, é esta segunda escolha. A de verter o pessoal sob a lente do ficcional, da transformação das grandezas da intimidade da sua família e do seu trabalho em espaços de todos, acolhendo o espectador como mais um membro da sua família. Quando Moretti perde a mãe todos nós a perdemos. Esse choque emocional é um trajecto que já há muito acompanhamos e que há muito celebramos na certeza sempre de o ver filmar cada amanhã, como ganho convicto por cada perda que lhe (nos) acontece.

À pala de Walsh, 25 de Novembro de 2015

Excerto de crítica ao filme *Minha Mãe* escrita por Carlos Natálio

“Um filme tremendamente inteligente e encantador.”

Peter Bradshaw, *The Guardian*

“Nanni Moretti é um dos autores mais importantes de um cinema pessoal moderno. (...) Com o seu novo filme, *Minha Mãe*, revela-se astuto e camaleónico, realizando um filme sobre uma cineasta, ao mesmo tempo que interpreta uma personagem secundária, um filme que, pela sua componente dramática bem desenhada, pautada por uma visão incisiva e por uma exuberância cômica, é algo mais do que uma obra de cinema pessoal - é um manifesto virtual para isso mesmo, um esforço para encontrar a força motriz da sua arte.”

Richard Brody, *The New Yorker*

“Simples e sensível, sem deslizes.”

Jacques Morice, *Télérama*

«Em Cannes, onde foi apresentado em competição, o filme de Nanni Moretti foi aquele que fomos recordando ao longo de todo o festival, como se nos voltássemos para a luz para aí encontrar um pouco de calor. (...) Em *Minha Mãe*, é a partir do que é íntimo e da experiência a priori solitária de uma crise pessoal, que Moretti nos dá a ver aquilo que é comum a todos.»

Laura Tuiller, *Cahiers du Cinéma*

«Mas o mais arriscado talvez seja a inclusão da personagem de John Turturro, na pele de um actor americano que vem interpretar um papel no filme de Buy. Está sempre fora de tom, incapaz de encontrar o perfil justo, no “filme dentro do filme”, mas por inerência também sempre em “dessincronia” com o filme de Moretti, ou como um peixe fora de água — e isso atribui à personagem dele uma qualidade solitária, que se estranha primeiro e depois se entranha, como se ele fosse o reflexo bufão da personagem de Margherita Buy e acabasse por haver, no reconhecimento desse reflexo, uma possibilidade de entendimento. Também contribui para Moretti dizer algumas coisas sobre o cinema, num filme obcecado por uma ideia de justeza (e Turturro é tão mais “justo” quanto mais “falso” ou “artificial”, num milagroso paradoxo conseguido por Moretti), mas que talvez também evoque aqueles tempos em que era frequente ver actores americanos a trocarem o aquário de Hollywood pelas “selvagens” terras italianas (Broderick Crawford no *Bidone* de Fellini, Steve Cochran no *Grito* de Antonioni, Orson Welles na *Ricotta* de Pasolini, e outros).

Nos seus modos “benignescos”, Turturro é a expressão da inquietação que a personagem de Buy abafa e interioriza.»

Luís Miguel Oliveira, *Público* ★★★★★

«O que conta é a encenação do tenaz desejo de viver, a partir de uma teia em que a proximidade da morte se diz tanto através de um desencantado realismo das emoções como de alguns subtis desvios oníricos (lembrando um pouco as ambivalências narrativas de *Palombella Rossa*, 1989). Dito de outro modo: a máxima complexidade exprime-se, aqui, através da mais fascinante depuração narrativa.»

João Lopes, *Diário de Notícias* ★★★★★



«Do filme de Nanni Moretti que está agora em exibição, o primeiro golpe que recebi (e tão certo que doeu) foi a sequência, no exterior do cinema Capranichetta, em plena Piazza Montecitorio. A protagonista deste *Minha Mãe* embate-se, a dada altura, com uma interminável fila de bilheteira para ver um dos filmes míticos do final dos anos 80, *Asas do Desejo*, de Wim Wenders. Moretti (ou a personagem que ele representa) está também nessa fila, estranhamente sossegado, como se nada fosse. Mas quando sabemos que o velho Capranichetta já não existe, transformado agora num centro de congressos com um pavproso ar de bolo de noiva, damo-nos conta de que a presença de Moretti assinala ali outra coisa. O cinema Capranichetta era uma sala esplêndida, no coração da cidade, face a face com o Parlamento, com geladarias, cafés, livrarias gigantes como a Herder, percursos pedonais, vida. Hoje é um vestígio, deslocado, ambíguo e inacessível, como muitas memórias, dando a ver o quê? Isto: o modo férreo como o tempo nos ultrapassa, declarando-nos, a nós que até há pouco éramos apenas a sua promessa, como o seu passado.»

José Tolentino Mendonça, *Expresso*

«Pela primeira vez na sua obra é um “filme de mulheres”, com três gerações, uma realizadora, a sua mãe e a sua filha. Mas filme que rima com *O Quarto do Filho* porque é outro melodrama familiar. E *Minha Mãe* é um filme absolutamente sublime.»

Augusto M. Seabra, *Público*